

ASI: polícia universitária?

E preciso uma reconceituação, por parte da Reitoria, do que seja uma comunidade universitária. É necessário o repensar humanista a respeito do assunto, criando oportunidades a que os setores não decisórios, mas nem por isso menos dinâmicos, como professores e estudantes, venham a ter a possibilidade de emitir conceitos e manifestar participação frente à realidade atual. Não se deve tolher, a qualquer nível, a proposta e a idéia válidas. Não é justo frustrar a vocação expansiva da comunidade universitária, que deve interagir, influenciar a ser acionada pela comunidade maior, à qual integra e a quem impulsiona.

Nada melhor e mais eficiente para sufocar a formação de uma nova mentalidade universitária, que a difusão do temor pelo novo, pelo renovador. É nada melhor para veicular esse temor que a manutenção de um órgão de segurança e informação, cujos métodos são desconhecidos, cujos processos são sigilosos e inexoráveis, cujas finalidades perdem-se no cípoal do obscurantismo.

A Assessoria de Segurança e Informação — ASI, da UFRN é um órgão cujos tentáculos esgueiram-se a cada estudante, cadastrando-o desde o instante em que é aprovado no vestibular e matricula-se. Quem são os informantes da ASI? Existe uma polícia universitária? Por que os Reitores simplesmente não desarticulam esse setor, improdutivo economicamente, dispendioso burocraticamente, desnecessário didaticamente?

O desmantelamento da ASI não traria insegurança ao âmbito universitário, ou incentivaria a formação e progresso de grupos e situações equivocadas. Não. Um ponto final em processo e investigações somente traria ao estudante a certeza de que poderia, sem medo da abordagem espúria e do interrogatório maquiavélico, manifestar-se como membro de uma comunidade pensante e agir como cidadão que também é.

Não são poucos os casos de professores, aprovados em concurso, que foram preteridos de assumir as respectivas funções; são inúmeros os casos daqueles que foram submetidos a rigorosas investigações para finalmente receber as benesses oficiais, sacramentando sua contratação; é comum, entre os alunos, o evitar referir-se a assuntos políticos. E por que essa reação dos jovens? Medo. Unicamente medo. Temor de inesperadamente receber algum seco comunicado de que deve apresentar-se à ASI, para "esclarecimentos".

O estudante universitário norte-riograndense, com ênfase especial aqueles que frequentam salas de aula da UFRN, não poderia ser classificado como dos mais atuantes politicamente. Por alienação irreversível e falta de sensibilidade aos problemas nacionais e da realidade subjacente? Não. Simplesmente pelo fato de que após todos esses anos de obscurantismo, de segurança e informações, surgiu no jovem a insegurança como classe e a desinformação como pessoa. Que venha um novo tempo. A ASI, convenhamos, é desnecessária.